

DESENVOLVIMENTO

Empresas e universidades estimuladas para a investigação

CARLOS MARTINS

■ A Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), baseada nos resultados de 1987, prevê que este ano será importante para a aceleração da expansão da economia portuguesa. Em 1992, Portugal integrará o Mercado Único Europeu, e nessa altura nada poderá constituir processo mal desenvolvido.

A JNICT realizou, no ano passado, jornadas de sensibilização ao nível da investigação e desenvolvimento económico, para que Portugal entre na competição europeia a par dos seus parceiros. Microelectrónica, robótica e informática, ciência e tecnologia do mar, ciência e tecnologia de materiais e biotecnologia foram as áreas onde os executivos consideraram premente o desenvolvimento nacional. Após o êxito destes sectores de investigação, surgiram duas novas zonas: ciências agrárias e ciências da saúde.

As despesas em investigação e desenvolvimento económico, financiadas pelo Orçamento do Estado, passaram de 7 milhões e 985 mil contos em 1985 para 22 milhões e 178 mil contos, valor inicial previsto para este ano.

A centralização, que ainda se faz em Lisboa, dos núcleos de investigação começa a ser encarada como um facto de menor relevância, dada a importância da ligação laboratório-empresa. Hoje, já não há razão para se estudar em Lisboa aquilo que se vai produzir no Norte.

Investigação

«Os investigadores não podem ser debitados dentro das universidades,

nas suas torres de vidro, completamente despagos da realidade. Ou nos modernizamos, ou estamos mal. Há necessidade de criar fluxos e relações estreitas entre as universidades e as empresas» — disse-nos fonte da JNICT.

O Governo encara o desafio europeu com sensibilidade. As empresas são o factor determinante em que se deve incrementar a investigação portuguesa. Em 1986, foi criado um decreto-lei que estimulava as firmas do Grupo A de Contribuição Industrial, através de uma redução do imposto, a fazerem investigação.

Núcleos Universitários

As universidades são estimuladas para que apresentem projectos de investigação e desenvolvimento económico. Trezentos e vinte projectos foram aprovados, distribuídos por oito universidades do País, com departamentos de pesquisa: Universidade Técnica de Lisboa, 78 projectos no valor de 338 mil contos; Universidade do Porto, 67-305 mil contos; Universidade Clássica de Lisboa, 44-197 mil contos; Universidade de Coimbra, 40-173 mil contos; Universidade Nova de Lisboa, 38-117 mil contos; Universidade de Aveiro, 13-88 mil contos; Universidade do Minho, 26-85 mil contos; e Universidade de Trás-os-Montes, 14 projectos no valor de 56 mil contos.

Um caso concreto

Fundado em 1985, o INESC, Instituto de Engenharia e Sistemas de Computadores, da Região Norte, tem desenvolvido trabalho de mérito no domínio da investigação. O INESC não possui

Nas universidades os cérebros nas empresas os meios

quadros próprios. As empresas interessadas nos seus serviços entram com o capital, podem conseguí-lo da CEE, do Estado ou ser privado, e o INESC faz a ligação empresa/universidade para que a tarefa de descoberta ocorra.

Os investigadores do INESC são docentes das universidades. «O trabalho no INESC é como se fosse uma necessidade. Atravessam a rua e vão investigar nos nossos laboratórios» — disse-nos Dr. João Bilhim, director da secção de Comunicação Social do Instituto.

No INESC, segundo o Dr. João Bilhim, «não fazemos concorrência a uma empresa institucional. Os investigadores vêm o que dá alguma coisa para se avançar. Só pegamos em coisas que tenham o sentido de investigação. Nós desenvolvemos as investigações. Claro que estamos atentos às necessidades de Portugal em relação ao mercado internacional. Queremos formar quadros em Portugal. Quando estamos a investigar, verificamos que algumas coisas têm importância para vendas».

Na região do Norte, está a valorizar-se o trabalho de investigação em três espaços: sector público-universidade-empresa. O projecto da Associação Portuguesa de Gestão e Engenharia Industrial (APGEI) liga universidades nortenhas a cerca de 60 firmas do Norte, aproveitando dinheiros da Comunidade. Por outro lado, o INESC, Instituto de Engenharia e

Sistemas de Computadores, está já a exportar projectos de investigação.

Crescimento

Delimitadas as diferenças entre os custos de produção e de importação dos produtos finais, logo se chegará à conclusão de que é mais rentável para Portugal o incremento da criação de meios de produção.

O «status-quo» nacional deverá atravessar uma fase de mudança para passar a trilhar os caminhos do desenvolvimento. Os investigadores percebem estar dispostos a dar o seu contributo. A mesma fonte da JNICT disse-nos: «A maior parte que vai fazer especialização acaba por ser convidada a ficar por lá fora». Eles voltam, se as condições forem satisfatórias e 1992 não será um ano a temer por Portugal.

Uma empresa, a AITEC, com 50% de capital do INESC e 50 do IPE (Estado), usa os projectos que devem ser desenvolvidos e procura criar empresas para esse campo. A SETECOM e a SMO são duas das empresas que apareceram da viabilidade das investigações do INESC. A tecnologia desenvolvida pelo Instituto estava pronta a entrar no mercado. Por razões éticas, o INESC separou-se da exploração e criou-se uma empresa dedicada ao mercado.

Sucesso

Na opinião de João Bilhim, «o INESC/Norte

está a trabalhar às mil maravilhas». Quatro projectos destacaram o valor investigativo do INESC/Norte. Colaborando no projecto SIFO, com os CTT/TLP, o INESC/Norte «está a preparar os quadros indispensáveis para se enfrentar a digitalização da rede telefónica daqui a 4 ou 5 anos. Quem é que no País sabe para poder manter e trabalhar com essa tecnologia?». João Bilhim refere o efeito multiplicador como uma referência interessante. «É esse o trabalho do INESC, preparar uns para depois esses se multiplicarem».

Outro projecto de investigação importante refere-se a um disco óptico que permite o armazenamento de muita informação. O INESC/Norte está a trabalhar muito bem a nível óptico. Pode meter-se uma biblioteca dentro de um disco», assinalou.

Para as autarquias, o Instituto desenvolveu sistemas informáticos de suporte à gestão.

«Vladimir Miranda inventou um suporte de informação que mal começou a ser montado demonstrou que havia muitas pessoas que não estavam a pagar a taxa de mercado, numa Câmara de que não me recordo o nome. Isso já foi suficiente para pagar os gastos que a Câmara teve».

Em conjunto com a Universidade de Aveiro, o INESC/Norte especializou-se na informática ligada à saúde. O projecto do programa chama-se «electrões cefalogramas», estudo sobre a aplicação da saúde.

Para 1988, o INESC espera receber da JNICT, 185 mil contos. Desta verba, 20% são destinados ao INESC/Norte.

Empresas - Rel. e/ Universidade